

MAGALI MENDES DE MENEZES  
CARLOS EDUARDO SPERB  
ALESSANDRA DE OLIVEIRA PETRY  
WAGNER MACHADO DA SILVA  
OLÍVIA DE ANDRADE SOARES  
(ORGANIZADORES)

---

**DIREITOS**

---

**HUMANOS**

---

**EM DEBATE**

---

**educação e marcadores sociais da diferença**

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2019.  
1º edição - 2019

Edição, Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles  
Revisão e Normatização: Mauro Meirelles e Jeferson Mello Rocha  
Transcrição dos áudios: Maria Petrucci  
Fotos: Luis Ventura, Ana Letícia Meira Schweig, Sofia Pulgatti,  
Carlos Eduardo Sperb, Paulo Josué Goulart da Silva  
Capa: Luciana Hoppe e Carlos Eduardo Sperb  
Impressão: Copiart  
Comitê de Organizadores do Evento: Magali Mendes de Menezes,  
Maria Aparecida Bergamaschi, Russel Teresinha Dutra da Rosa,  
Rosângela Rodrigues Soares, Dagmar Estermann Meyer, Fernan-  
do Seffner, Caroline Pacievitch, Karine dos Santos, Mariangela  
Bairros, Leandro Rogério Pinheiro, Rita Camisolão, Suzi Webber  
Tiragem: 300 exemplares impressos em dualtone e 700 para dis-  
tribuição on-line.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

D598      Direitos humanos em debate : educação e marcadores sociais da  
diferença / Magali Mendes de Menezes ... [et al.] (orgs.). -  
Porto Alegre: CirKula, 2019.  
440 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-018-1

1. Direitos humanos: educação. 2. Interculturalidade. 3. Povos  
indígenas. 4. Socioeducação. 5. Arte. 6. Gênero. I. Título. II. Menezes,  
Magali Mendes de. III. Sperb, Carlos Eduardo. IV. Petry, Alessandra  
de Oliveira. V. Machado, Wagner. VI. Soares, Olívia de Andrade.

CDD 323.1

Bibliotecária responsável: Débora Jardim Jardim – CRB 10/1598

Editora CirKula  
Av. Osvaldo Aranha, 522 - Loja 1 - Bomfim  
Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190  
e-mail: editora@circula.com.br  
Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

## DIREITOS HUMANOS EM DEBATE

Magali Mendes de Menezes

A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao longo de 2018, realizou o Curso de Extensão intitulado **Educação em Direitos Humanos: contextos e marcadores sociais da diferença**. Através de palestras, debates, intervenções artísticas e rodas de conversa, marcou-se o *Ano dos Direitos Humanos* em nossa Faculdade. A presente obra é resultado desse evento e apresenta momentos de profunda reflexão que procuraram conjugar Educação e Direitos Humanos de forma sensível e potente.

O livro traz com fidelidade as falas dos palestrantes (em sua maioria, transcrições das palestras realizadas durante o curso), recuperando o momento em que elas nasceram, traduzindo a diversidade das expressões de cada um, também traz os QR Code das palestras, possibilitando o acesso às falas de todos os palestrantes, inclusive aqueles que não possuem seus textos na obra como é caso de Deborah Duprat, Paulo Cogo Leivas e Veriano Terto Jr. A obra possui, dessa forma, a capacidade de rememorar o tempo passado na mesma proporção em que propõe o desafio de pensar o amanhã pelas palavras que ficam, por meio das perguntas e das reflexões que nossos/as convidados/as nos transmitiram.

Colocando em diálogo os Direitos Humanos e seus diferentes campos, as temáticas aqui presentes, e que dividem os capítulos, são: "Interculturalidade e Povos Indígenas"; "Liberdade de Ensinar e Direito de Aprender"; "Direitos Humanos, Educação e(m) Saúde"; "Direitos Humanos, Educação e Ensino de História"; "Educação em Direitos Humanos na Socioeducação"; "Direitos Humanos e Laicidade em Educação"; "Direito à Cidade, Juventudes e Gênero"; "Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade"; e, por fim, "Direitos Humanos: Cenários e Perspectivas em um Brasil ex-posto". A partir dessas diferentes análises, procuramos pensar a densidade de nosso presente.

Vivemos num tempo em que se tornou comum questionar o papel dos direitos humanos. Inferências de que ele se preocuparia mais com os algozes do que com as vítimas descredita sua relevância e suas conquistas. Frases como "Os Direitos Humanos só servem pra defender bandidos" alimentam preconceitos que deturpam o seu propósito de melhorar a vida das pessoas. Essa visão fragmentada de sua abrangência e seu propósito torna ainda mais necessárias discussões sobre esse tema.

O filósofo Jacques Derrida (BORRADORI, 2004) faz uma análise sobre o contexto do terrorismo e sobre o significado de se associar um acontecimento a uma data, ato que estabelece historicamente um sentido para ela, como ocorreu, por exemplo, com o dia 11 de setembro. Isso funciona como um recado de que esse dia marcaria o mundo indelevelmente (sem esquecer a coincidência dessa efeméride assinalar igualmente o Golpe Militar no Chile). O que se definiu como terrorismo leva o mundo (por conta da supremacia norte-americana) a um fogo cruzado entre diferentes povos e sujeitos, motivado por algo que, aparentemente, surge como novo na história das guerras: a Moral. É em nome dela, de uma doutrina ou de um padrão, e sem provas concretas (ou, poderíamos dizer, baseados apenas em convicções), que passamos a definir o outro como terrorista, como inimigo, legitimando a violência. E sabemos que por trás da máscara da moral, do progresso civilizatório, escondem-se interesses econômicos e políticos que são fundamentais para hegemonias como a norte-americana e a europeia.

O 11 de setembro marca o fim do que minimamente havíamos conquistado: a tolerância. Se ela não é suficiente para a convivência dos povos, é preciso que pensemos em aprofundar e vivenciar hospitalidades radicais entre as pessoas, como nos sugere Derrida ao falar de hospitalidade como uma abertura profunda ao Outro. E a busca dessa radicalidade coloca em relevo pautas sociais, destacando populações que normalmente se encontram à margem. No Brasil, vemos os efeitos perversos de uma história de opressão, ao observar os preconceitos violentos sofridos pelas populações negras, pelos povos indígenas, pelos moradores das periferias, pelos grupos LGBTs, ou ainda, pelas pessoas com deficiências, pelos sem-terra, pelos sem-teto, pelas minorias políticas etc. Entre tantas gentes, o "terrorismo" já existe há muito tempo por parte de uma sociedade que ainda é incapaz de enxergar essas populações como verdadeiramente humanas. Cotidianamente

são exterminadas várias cidadãs como Marielle Franco e vários cidadãos como Galdino Jesus (pataxó-hã-hã-hãe que *foi queimado* vivo enquanto dormia em um abrigo de um ponto de ônibus em *Brasília*). Muitos morrem ignorados e sem ser(em) nomeados passando, apenas a compor as estatísticas como um número a mais nos índices de mortes anônimas em nosso país.

O **Ano dos Direitos Humanos** na Faculdade de Educação coincidiu com a comemoração dos 70 anos da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** e teve como objetivo proporcionar debates que acolhessem tanto a comunidade universitária quanto pessoas de fora da academia, impulsionando análises sobre os sentidos, os movimentos e as urgências dos Direitos Humanos dentro do contexto histórico, político e cultural em que vivemos. O que aconteceu no mundo nestes 70 anos de **Declaração Universal dos Direitos Humanos**? Todos nós sabemos que as declarações podem se tornar apenas cartas de intenções se não lutarmos cotidianamente por sua efetivação. Vivemos num mundo em que muitas pessoas morrem vitimadas pela fome, por antigas doenças que não foram totalmente erradicadas, onde não há respeito às condições básicas de vida. Alimentação, Educação, Saúde, Trabalho, Lazer e diversas outras dimensões de nossa existência, como a Autodeterminação dos Povos, são fundamentais para pensarmos o que é ser humano.

Dialogar sobre os Direitos Humanos é fundamental para que possamos pensar o próprio sentido de Democracia. Temos que denunciar que o que vivemos em nosso país, hoje, é fundamentalmente uma violência às liberdades individuais e coletivas. Sabemos que temos que avançar muito, que a **Declaração Universal Dos Direitos Humanos** representou, naquele momento histórico em que foi promulgada, uma proposta política progressista e emancipatória do Ocidente. É preciso que consideremos o quanto os diferentes povos da América Latina (nossa Abya Yala, nossa Améfrica) trouxeram em termos de contribuições importantes para compreendermos/sentirmos o que é "humanidade", o que significa **con-vivermos**.

É preciso descobrir com esses povos que os humanos não são apenas seres racionais. Humanos são também natureza; por isso, quando agredimos a natureza, agredimos a humanidade. É preciso escutar, apreender. Esperamos que essa obra possa ajudar a sensibilizar as pessoas, trazendo elementos à construção de uma radicalidade necessária para não só debatermos, mas também vivermos os Direitos Humanos.